

Flávio Rangel

O pensador e crítico de artes plásticas será enterrado hoje no Rio de Janeiro

Mário Pedrosa morre aos 81 anos

Sem Mário

O Brasil ficou menos inteligente: Mário Pedrosa se foi.

Entre as muitas coisas que devo a Cláudio Abramo, devo-lhe também o fato de ter me apresentado Mário — e o fascínio que ele exerceu sobre mim...

Como a maioria das pessoas decentes deste País, foi constantemente perseguido: sofreu inúmeras prisões no Estado Novo e nesse Estado Novíssimo...

Era um tanto moleque: certa vez, apoiado em sua fina e elegante bengala, atazanou constantemente uma guia de visitantes à União Soviética...

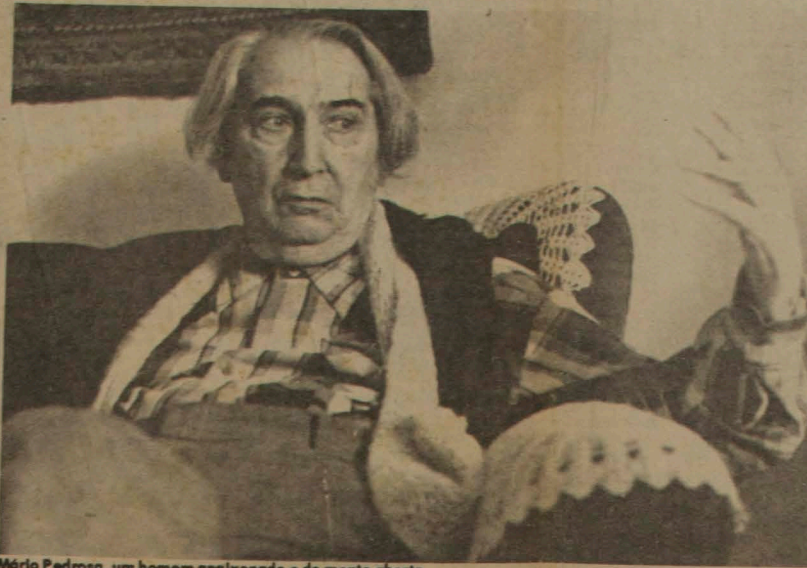
Não me lembro bem se Mário conheceu pessoalmente Trotsky, sua grande admiração: parece que estava de viagem marcada para o México...

Em 1967, Mário Pedrosa e um grupo de brasileiros estivemos num simpósio em Caracas, que reunia intelectuais das três Américas para discutir as mudanças ocorridas em nosso continente...

A política era uma de suas paixões; a outra era a arte. Como crítico, sua reputação era indispudada em todos os cantos do mundo; como animador, esteve na raiz da fundação de inúmeros museus e exposições...

Além de tudo, sua desprendida generosidade era cheia de amor: um amor que espalhou por todas as pessoas de quem se aproximou...

Deve ter razão.



Mário Pedrosa, um homem apaixonado e de mente aberta.

A arte de viver com a política

Mário Pedrosa nasceu no engenho Juçaraí, em Timbaúba, Pernambuco, a 25 de abril de 1900. Filho de Pedro Cunha Pedrosa, advogado e político...

Em 1924 Pedrosa fazia crítica de livros no "Diário da Noite", de São Paulo, e dois anos mais tarde entrava no Partido Comunista e era nomeado agente fiscal na Paraíba...

Em 1932 fundava com alguns companheiros a editora Unitas, para a publicação de textos marxistas. A essa época passou a traduzir, coletar e prefacionar os ensaios de Trotsky...

Casou-se com Mary Houston em 1935 e no ano seguinte nascia Vera, a única filha do casal, hoje diplomata, mãe de três filhos...

Quando em 1939 decidiu fazer restrições à defesa incondicional da URSS na guerra com a



Em 1960 ele assumiu o cargo de diretor do MAM.

Fimlândia, passou a realizar, com outros exilados, então nos Estados Unidos, estudos para uma revisão de toda a experiência política e doutrinária a partir da Revolução de 17. Em 1940, quando Trotsky resolveu reorganizar o secretariado da 4.ª Internacional, Mário foi excluído...

De volta ao Brasil, ao mesmo tempo em que trabalhava no "Correio da Manhã", Mário Pedrosa fundou o semanário "Vanguarda Socialista". Logo em seguida entrou no Partido Socialista. Em 1947 criava a seção de artes plásticas no "Correio da Manhã"...

Mário Pedrosa também foi professor-lecionador de história do Brasil no Colégio Pedro 2 e de livre-docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil. E escreveu, entre outros, "Arte, Necessidade Vital"...

Para os amigos, força inesquecível

Em São Paulo, Mário Pedrosa é homenageado por alguns amigos e admiradores. São artistas plásticos, jornalistas, professores, intelectuais e um líder sindical...

Para o amigo e ex-secretário particular de Mário Pedrosa, o publicitário Darle Lara, esse "caráter erizoso" pela fidelidade aos seus ideais, mesmo que o tornasse dissaboroso...

O diretor do Masp, Pietro Maria Bardi, lembra um crítico de arte dos mais notáveis do Brasil: "Essa é uma perda muito séria, mas ele deixou uma obra que testemunha quanto foi grande sua contribuição para o desenvolvimento das artes no Brasil"...

O presidente do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio da Silva, Lula, fala de um homem que não conheceu muito de perto mas que considera uma das melhores cabeças do Brasil. "O que sei dele, o que senti nos nossos contatos já é suficiente para dizer que ele é, sem dúvida nenhuma, um dos mais valiosos combatentes das causas dos trabalhadores no Brasil"...

"Sempre tive grande admiração por Mário Pedrosa no trabalho crítico no campo das artes plásticas, onde foi mestre", diz o intelectual Florestan Fernandes. "Fora isso, ele foi um homem de talento invulgar, importante no debate de idéias políticas, principalmente se identificando com o socialismo"...

"A morte de Mário Pedrosa não marca seu fim", diz seu amigo e admirador, o jornalista e militante sindical Fúlvio Abramo. "Sua obra, feita de paixão e convicção, vai crescer à medida que o conhecimento que as novas

RIO (Sucursal) — Mário Pedrosa morreu ontem, aos 81 anos, em sua casa, às 3 horas da madrugada, de câncer. A doença que lhe tirou, aos poucos, a vida, não conseguiu tirar, no entanto, o vigor do seu pensamento: até a semana passada ele trabalhou e estudou. Lia Spinoza e escrevia dois livros, que deixou inacabados: "Discurso Pré-Constituinte", uma tentativa de reescrever a história do Brasil, e "A Pisada é esta", uma autobiografia.

Mário Pedrosa — que será enterrado hoje às 9 horas no Cemitério São João Batista — estava doente há alguns anos, mas depois de uma operação, no ano passado, melhorou muito. Foi, então, que começou a desenvolver o projeto dos novos livros. Mostrou-se até o fim, apaixonado, lúcido e atraído por idéias novas: seu secretário, Márcio Doctors, formado em filosofia, apesar dos seus 28 anos, identificava-se muito com ele. O que Ferreira Gullar, um velho amigo, acha natural: "Mário estava, sempre, interessado nas ações e no pensamento dos jovens, tinha uma mente extremamente aberta."

Isso justifica, provavelmente, o fato de Mário Pedrosa, apesar de ter defendido uma arte mais racional — como lembrou o próprio Gullar — ter sido o primeiro a apoiar o trabalho de Nise da Silveira no Museu de Imagens do Inconsciente. Ontem ela lembrava, emocionada: "Na época em que Mário se interessou por esse trabalho, em 1947, não se falava em museu. O que existia eram trabalhos feitos pelos doentes no serviço de terapêutica ocupacional do Hospital Pedro 2.º, que era dirigido por mim. Mário tomou contato com essas pinturas quando resolvi expor algumas no saguão do MEC. Ficou apaixonado pelos trabalhos, que considerou de alta qualidade. A partir daí, sempre nos apoiou."

No ano passado, o crítico coordenou a edição do livro "Museu de Imagens do Inconsciente" para a Funarte e até o fim esteve ligado a Nise da Silveira. Ela nunca viu nada demais no fato de um marxista valorizar trabalhos como os do Museu: "Para as pessoas realmente inteligentes, as coisas não são incompatíveis. Mário não sofria desse mal que se chama visão unilateral da realidade."

Na opinião do psicanalista Hélio Pellegrino, Mário Pedrosa era um "socialista libertário": há mais de 30 anos os dois mantinham uma amizade "inabalável". Pellegrino teve o primeiro contato com o crítico quando ainda morava em Minas, através do jornal "Vanguarda Socialista", que era editado por Mário. A identificação foi imediata e, quando veio para o Rio, Pellegrino pediu a um amigo comum, Oto Lara Resende, que apresentasse um ao outro.

Nunca mais nos afastamos. Nossa amizade era algo sólido, bonito. Devo muita coisa ao Mário. Aprendi muito com ele, que foi, inclusive, responsável pelo meu ingresso no PT. Foi uma de suas últimas paixões. Ele achava que, pela primeira vez, o trabalhador se organizava para ocupar seu lugar na sociedade. Era um homem culto e inteligente, como poucos."

Essas qualidades também foram lembradas pelo ex-deputado Marcelo Moreira Alves, com quem Mário Pedrosa trabalhou no "Correio da Manhã", na década de 60. Para Moreira Alves, "Mário Pedrosa era um homem de uma inteligência e de uma sensibilidade que não se encontram mais hoje em dia".

Um príncipe do espírito

Cláudio Abramo, de Londres

Mário Pedrosa se tornou conhecido e reconhecido por uma larga parcela da inteligência brasileira depois que passou a linha dos 60 anos. Num país como o nosso, onde a carreira dos intelectuais se faz através do acesso, frequentemente facilitado, à universidade, não é de estranhar: o Brasil ignora seus filhos, quando não os mata. E quando esses filhos não são bem pensantes, algo que Mário definitivamente nunca foi, eles precisam obediê-los.

Mário Pedrosa se tornou conhecido por seus ensaios políticos revolucionários e pelos extensos e inovadores estudos sobre estética. Não teve a sabedoria — nem as condições políticas — para permitir, pois viveu várias vezes no exílio — de fazer a carreira do mestrado, do doutoramento, do PHD, se desentarmos um concurso que há muitos e muitos anos prestou na Faculdade de Arquitetura no Rio. Foi um intelectual ativo durante toda a sua vida, que conduziu com magnânimo despreendimento, levado pelo seu espírito aberto ao que era inédito no processo histórico e nos fatos políticos e culturais de nosso País e do mundo e habitado permanentemente por uma ironia bem-humorada e compassiva.

Não faltarão certamente os que dele falarão hoje com invejável conhecimento teórico e minúcia metodológica. Não sendo um "scholar", Mário Pedrosa influenciou no entanto várias gerações sucessivas de jovens e essa influência se renovou, até agora.

Uma das inteligências mais ricas e criativas de nosso País teve, que o fato de ter viajado extensamente ajudou, ele se embrenhou seguidamente em sucessivas tentativas políticas e revolucionárias, até que com 79 anos, depois de um exílio de seis anos no Chile, de onde escapou milagrosamente dos cães de Pinochet, e na França, ele se entregou à procura de fórmulas nacionais para os problemas brasileiros. Um certo atavismo, creio, empurrou-o então para a procura da cultura do Índio brasileiro — e ao mesmo tempo reencontrou nas lideranças sindicais do ABC uma fonte

ves, Pedrosa foi o único candidato a um cargo político que fez tudo para não se eleger.

"Em '66, cinco jornalistas do 'Correio' — eu, Mário, Hermanno Alves, Alberto Rajão e Fabiano Vilanova — candidataram-se à Câmara Federal. Arranjamos um caminhão e fomos para a Central fazer comícios, distribuir panfletos. Todo mundo distribuía seus panfletos para o pessoal que ia tomar o trem para os subúrbios. Mário preferia distribuir um livreto de sua autoria, 'Tratado Sintético da Classe Operária Brasileira'. Nos seus discursos, gritava: 'Precisamos acabar com a sede do imperialismo no Brasil'. E apontava para o prédio do Ministério do Exército, para pavor de todo mundo."

Essa exaltação foi uma característica que Mário manteve até o final. Segundo seu secretário, "Discurso Pré-Constituinte" estava sendo escrito de maneira arrebatada, com paixão. Sua idéia era recuperar o povo para a história brasileira.

"Ele dizia que a historiografia brasileira oficial não tem povo. 'Por que nunca ninguém se preocupou com a história dos negros?' perguntava. Ele queria recuperar todos os movimentos libertários brasileiros para a história. O livro começa com uma análise da invasão holandesa e dos movimentos que se fez para a retomada do Brasil. Depois, dá um salto no tempo e trata da luta armada a partir de 1968. Em seguida, volta ao passado e analisa o Quilombo dos Palmares. Mário pretendia começar a escrever sobre a Inconfidência." O livro trataria, ainda, da República Velha, da República Nova e do Movimento de 1964 e se encerraria com uma análise do Partido dos Trabalhadores, que era, para o autor, a grande questão do Brasil atual, segundo seu secretário.

"Ele achava que, pela primeira vez, a classe operária tem um líder. Orgulhava-se de ter sido o primeiro a se inscrever no partido. 'Sou PT n.º 1', dizia, sempre."

Para Márcio Doctors, não é impossível que a obra de Mário Pedrosa seja concluída, "pois alguns de seus amigos têm a mesma visão sobre a história do Brasil". "A pisada é esta", sua autobiografia, também ficou inacabada. Somente três capítulos foram escritos. Todos sem preocupação cronológica.

"Mário não era muito favorável à cronologia. Preferiu falar das experiências que levam um indivíduo a contar sua história de maneira formal. Nos capítulos iniciais, ele fala muito sobre o irmão mais velho, Xavier, de 90 anos (presente ao velório no cemitério São João Batista, mas muito emocionado para dar declarações), de quem recebeu uma grande influência e por quem tinha a maior admiração."

Há duas semanas Mário Pedrosa lançou seu último livro, "Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília", uma coletânea de textos sobre artes plásticas. Não houve qualquer festividade, pois ele já estava muito debilitado. Ainda assim, trabalhava com o auxílio do secretário e não deixava de ler Spinoza, um pensador que se empenhou em mostrar que todas as verdades oficiais são produzidas em função de determinados interesses. Como Mário, um contestador, como Mário, um exilado, como Mário, um corajoso: "A covardia é a mãe da crueldade", disse Spinoza.

nova para aplicar seu inesgotável entusiasmo político.

Ele só teve dois grandes inimigos em sua vida, movimentada existência: o Estado e o stalinismo, o primeiro nas formas injustas com que se apresenta no Brasil, o segundo com seu seqüito de injúrias e distorções, das quais muitos se arrependem hoje.

Tolerante, espirituoso, ameno, com uma natural disposição compassiva com a humanidade e as pessoas, incapaz de atribuir a outros intenções preconceituosas negativas, tinha uma forma peculiar de falar, cheia de símbolos e sínteses, carregada de um sotaque parabaíba pernambucano carioca, as mãos delicadas e finas de Índio da floresta, a testa larga de nordestino, uma pronta generosidade com as crianças, que se sentiam bem à sua volta, para desespero das mães, um reconhecimento automático das pessoas amigas, mesmo se desconhecidas, um horror definitivo pelo detalhe desimportante, uma aversão declarada a fórmulas preconcebidas de pensar e de agir, uma certa desconfiança brincalhona diante de explicações dadas rapidamente demais, um humor fino e arguto que permeava suas relações, a capacidade inesgotável de comover-se (como no Congresso da Anistia em S. Paulo no qual chorou sem disfarçar e o qual fez um discurso completado em trem de indignação).

Ele deixa amigos em todo o mundo, por onde viveu, andou e procurou. A grande maioria deles já morreu: Ignazio Silone, Herbert Read, o casal Rosmer, Paulo Emilio Sales Gomes, e tantos outros, de morte natural ou devorados pelos aparelhos do Estado ou do stalinismo. A sua geração está desaparecendo. Quando esteve com ele no começo do ano, no Rio, ele me contou da visita que lhe fizera, um dia, no ano passado, Luis Carlos Prestes, após uma hostilidade de 50 anos, já Mário muito doente: "tocou a campainha, a Mary (Mary Houston Pedrosa, a mulher e grande companheira de Mário) foi abrir, era o Prestes... ele ficou ali onde você está sentado, algum tempo, conversamos."